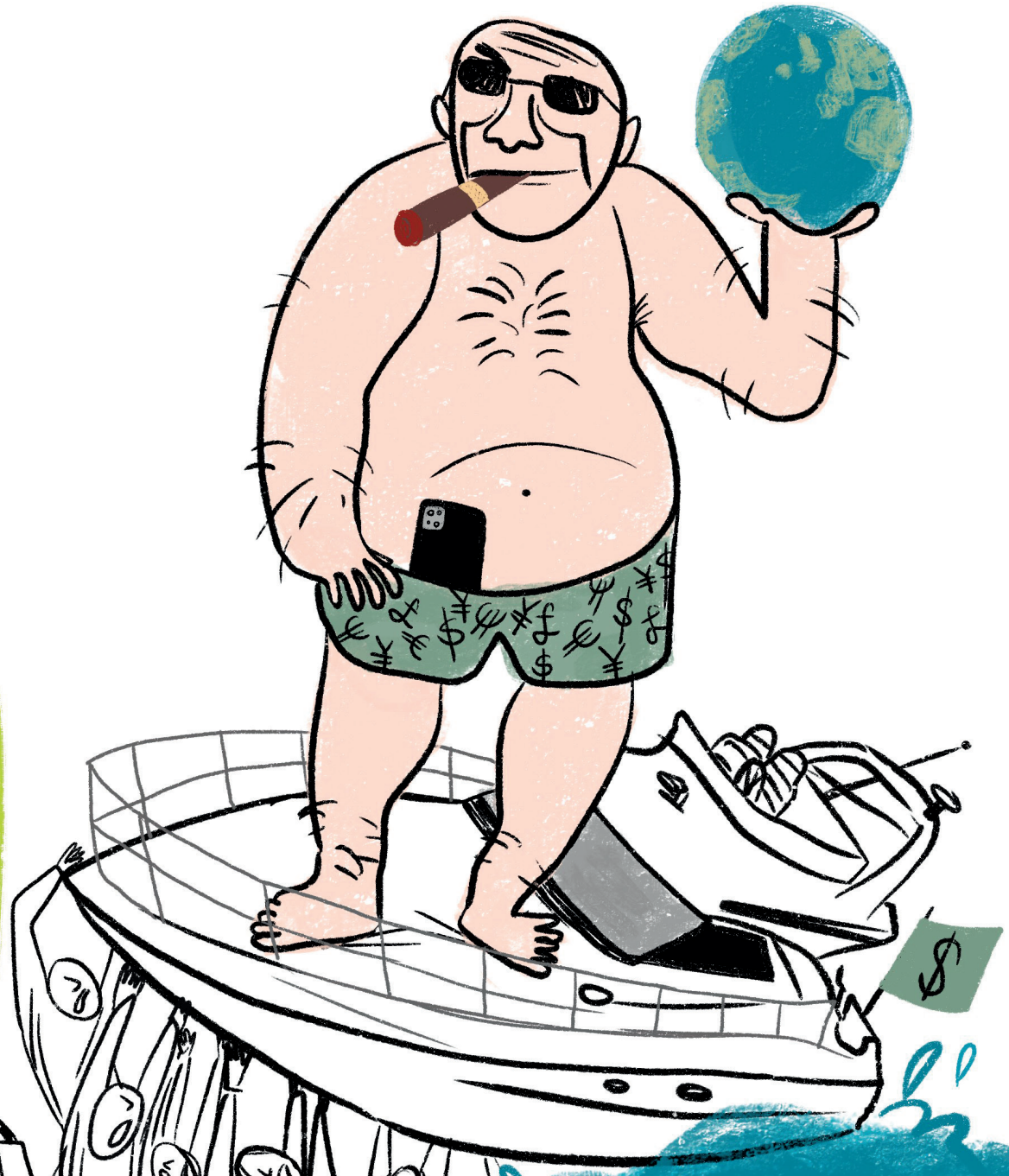
Lê,
o jornal
LIVRE
N.º1
dezembro
2024



Página 3
Como andam os super-ricos
Um panorama da riqueza (e taxação) dos bilionários

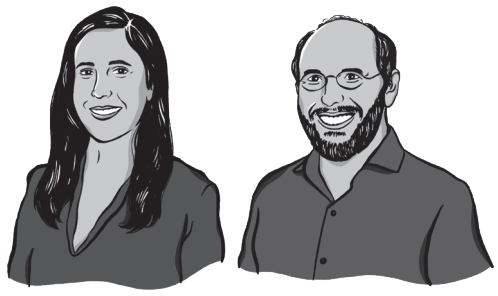
Página 4
Número
Um conto de **Jacinto Lucas Pires**

Página 5
Susana Peralta
Júlia Tavares entrevista a economista portuguesa

Página 6
Queridos filhos
Uma carta de **J. Pinto**, **A. Schultz** e **G. Zucman**

Poster
O que está em jogo?
O tabuleiro de **André Novoa** ilustrado por **Eduardo Viana**

UM CONVITE A LER O MUNDO DE OUTRA MANEIRA



Isabel Mendes Lopes Rui Tavares

A segunda pessoa do imperativo do verbo "ler" não deve aqui intimidar ninguém. Este jornal é um convite, um piscar de olho e até um jogo. Pensámos o Lê com a leveza de quem está a aprender a ler e brinca com o seu próprio nome, de LIVRE. A sua estrutura traz a possibilidade de desdobrar o mundo como quem o está a decifrar, virá-lo de cabeça para o ar para o ver de outro ângulo. E do lado de lá há mesmo um verdadeiro jogo, que é também um cartaz. Assim é o Lê, cada vez com um tema, nas suas mãos sempre que for possível.

Este primeiro número trata do mundo virado do avesso no qual quem tem mais — e neste caso é mesmo muito muito muito muito mais — acaba pagando menos impostos. E quem tem menos — e em alguns casos muito menos — acaba pagando muito mais.

Isto é um problema de justiça, mas também de economia, de serviços públicos e até de democracia. Um mundo no qual uns poucos mais ricos têm mais dinheiro do que metade da humanidade é um mundo desequilibrado. É um mundo no qual faltam os recursos de que precisam os nossos hospitais, as nossas escolas, os nossos parques e as nossas políticas sociais. E ainda há isto: a enorme concentração de poder económico é também uma concentração de poder político.

Quando já não estamos a falar de ricos nem de milionários, mas de super-ricos e de mega milionários, as centenas de milhares de milhões de euros destas fortunas falam de outra maneira. Podem comprar governos, presidências, redes sociais inteiras, satélites que orbitam a terra, um dia até exércitos e arsenais. Se não é avisado pôr demasiado poder político nas mãos de uma só pessoa, por que se acha que é natural dar a uns poucos esta enorme concentração de poder económico?

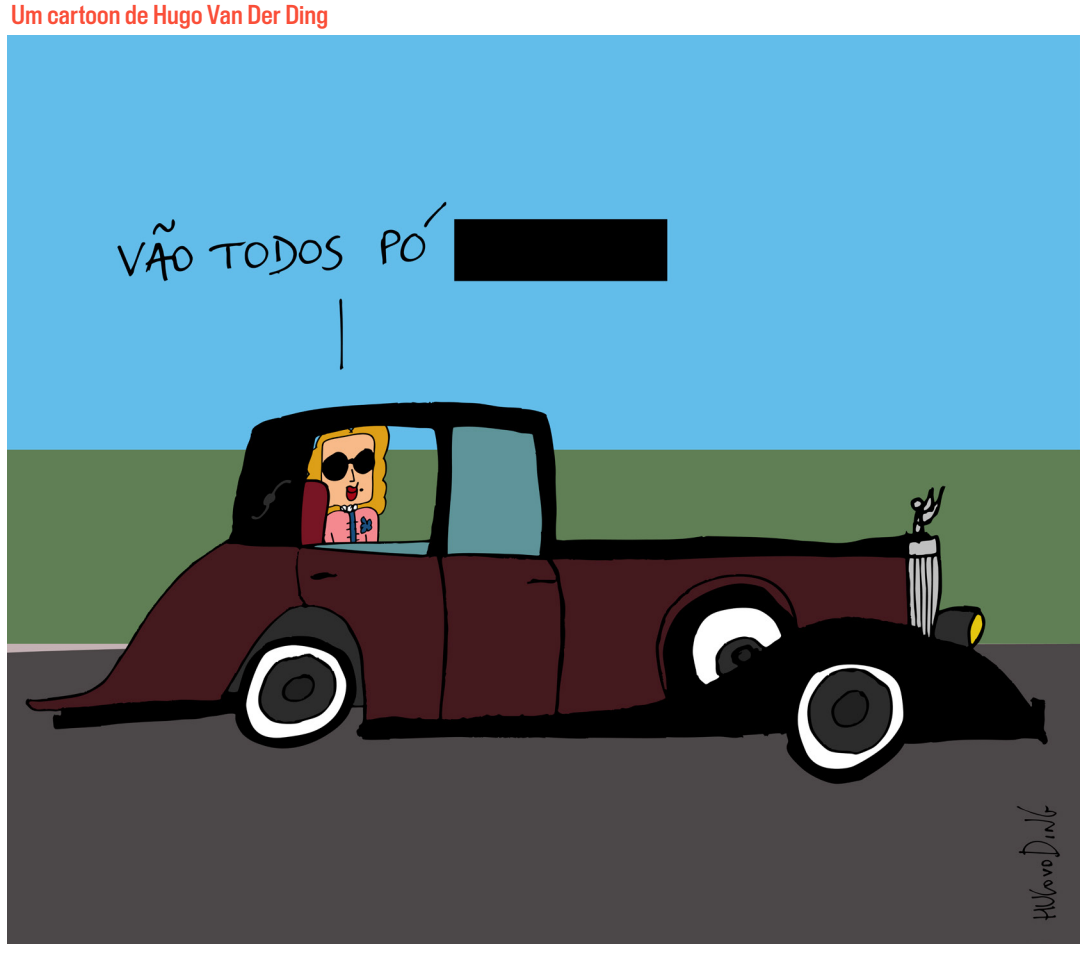
Por isso decidimos dedicar ao tema dos super-hiper-mega-ricos este primeiro número do Lê. Para que se entenda que este estado de coisas não tem nada de natural, de justificado, nem de historicamente comparável. Tempos houve, e até relativamente recentes, em que as maiores fortunas do mundo pagavam os maiores impostos do planeta. Havia recursos para políticas sociais e aos detentores das maiores fortunas globais ainda sobrava dinheiro para a filantropia e, claro, para estarem muito bem de vida. A comparação entre um Calouste Gulbenkian, homem mais rico a seguir ao pós-guerra, e um Elon Musk, homem mais rico agora, é ilustrativa.

Poderão encontrar esses dados e gráficos ao desdobrar estas páginas do Lê. Tal como encontrarão uma carta sobre a insanidade dos tempos atuais ao futuro dos nossos filhos, uma reportagem retratando o panorama de riqueza de bilionários e propostas para cobar aquilo que é devido, cartoons, entrevistas e até um jogo.

Sim, porque aquilo que está hoje em jogo é a alma da humanidade e o futuro do planeta. Das nossas escolhas depende haver recursos para combater as alterações climáticas sem prejudicar os mais pobres. Das nossas ações depende a possibilidade de uma globalização mais justa. Das nossas consciências e convicções depende, no fundo, saber se há lugar para a democracia ou se seremos governados por uma oligarquia global que utiliza autocratas e outros aprendizes de autoritários como forma de destruir aquilo que nos custou tanto a conquistar.

Daí este convite, este piscar de olho e até este jogo. Porque o assunto pode ser sério, mas não precisamos de ser sisudos. Por isso vá: lê o Lê, o jornal livre e do LIVRE, mas que também é teu e para ser compartilhado.

Um cartoon de Hugo Van Der Ding



A FORTUNA DE POUCOS É O FARDO DE MUITOS

Júlia Tavares

Há uma ultra-minoria de pessoas super ultra ricas no mundo: são cerca de 3000 bilionários, para ser preciso, que detém 14,4 biliões de dólares (ou seja, 12 casas depois da vírgula) em riqueza — o equivalente a 13% do PIB mundial, de acordo com uma análise do economista francês Gabriel Zucman, professor da Universidade da Califórnia, em Berkeley, nos Estados Unidos, e diretor da European Tax Observatory. E esses ricos tornam-se cada vez mais ricos.

Na última década, o 1% mais rico da população mundial acumulou 42 biliões de dólares à sua riqueza, 34 vezes mais do que os 50% mais pobres da população do mundo, de acordo com um relatório da Oxfam. E enquanto 60% da população global luta para recuperar o que perdeu desde o início da pandemia, em 2020 (5 mil milhões de pessoas tornaram-se mais pobres nesse período), os cinco homens mais ricos do mundo dobraram as suas fortunas.

Esta realidade é um espelho das falhas de um sistema económico que privilegia uns poucos e sobrecarrega a maioria. O mundo assiste à acumulação desenfreada de fortunas enquanto enfrenta desigualdades extremas e crises globais que exigem recursos urgentes — da transição climática à redução da pobreza. Sem falar no perigo que essa concentração de capital acarreta com o poder económico e político que vem associado.

Além de cada vez mais ricos, estima-se que esses bilionários pagam irrisórios 0 a 0,5% de impostos, de acordo com um relatório do European Tax Observatory. Foi nesse cenário e inspirada nesse estudo de Zucman que surgiu a proposta brasileira de tributar os super hiper mega ricos — os bilionários — com uma taxa global de 2% sobre as fortunas bilionárias, defendida no fórum de cooperação económica internacional do G20 neste novembro, no Rio de Janeiro. Com potencial para arrecadar 250 mil milhões de dólares por ano e atingir apenas esse universo restrito de 3 mil bilionários, a ideia foi recebida com resistência, especialmente por países como os Estados Unidos. Conseguiu-se, ainda assim, um compromisso mínimo sobre o qual se continuará a trabalhar.

Porque é que uma medida que promete corrigir uma das maiores distorções da economia global enfrenta tanta oposição?

Os sistemas fiscais continuam a beneficiar os mais ricos, enquanto colocam o peso maior nos ombros das classes mais pobres. Impostos regressivos, como o IVA, e a proliferação de paraísos fiscais tornam quase impossível que os Estados arrecadem de forma justa. Os ultra-ricos, em particular, têm as ferramentas e os meios para mover as suas fortunas para lugares onde praticamente não pagam impostos, agravando ainda mais as desigualdades. Este desequilíbrio não é só uma questão ética — está também a sufocar o crescimento económico, limitar a inovação e concentrar poder político nas mãos de uma ultra-minoria de ultra-ricos.

Nos Estados Unidos, a desproporção é particularmente visível. Nos anos 1960, os 400 americanos mais ricos pagavam mais de metade dos seus rendimentos em impostos. Hoje, essa carga fiscal caiu para cerca de 8%, incluindo os ganhos de capital, o que equivale a uma tributação de apenas 0,5% da sua riqueza total. Pela primeira vez na história, os ultra-ricos americanos pagam menos impostos, em termos percentuais, do que a classe trabalhadora. Esta inversão deve-se, em parte, à redução progressiva de impostos sobre empresas e heranças, que outrora eram pilares fundamentais do sistema fiscal. A título de exemplo, a taxa máxima de imposto sobre as empresas desceu de 35% para 21% em 2018, e o imposto sobre heranças foi praticamente eliminado. Como resultado, as receitas fiscais geradas por estes impostos representam hoje apenas uma fração do que eram na década de 1970, enquanto a concentração de riqueza se intensifica.

A ideia de um imposto global

A proposta brasileira, inspirada pelo economista Gabriel Zucman, destaca um problema essencial: a falta de coordenação internacional para tributar fortunas gigantescas. Sem um esforço conjunto, mesmo países como França ou Espanha, que tentaram implementar impostos sobre grandes fortunas, enfrentam barreiras como a fuga de capitais. É por isso que a ideia de um imposto global, com regras comuns, é tão importante. Apenas um sistema coordenado poderá contrariar o nivelamento por baixo, onde Estados competem para oferecer impostos mais baixos e atrair capital estrangeiro, prejudicando os próprios cidadãos.

Mas tributar os super-ricos trata-se também de corrigir desigualdades históricas e redirecionar recursos para os desafios globais que nos afetam a todos. Na recente COP29, que aconteceu em novembro de 2024 em Baku, no Azerbaijão, a incapacidade de mobilizar financiamento suficiente para uma transição climática justa deixou claro que as fortunas acumuladas precisam ser colocadas ao serviço do planeta. O que está parado em paraísos fiscais ou a ser gasto em bens de luxo poderia financiar projetos de energia renovável, mitigação de desastres e infraestruturas sustentáveis.

Em Portugal, este debate ainda é tímido. Argumenta-se que o país, sendo pequeno, não tem condições para liderar uma discussão sobre tributação de grandes fortunas. Mas Portugal pode e deve apoiar medidas de cooperação internacional e reforçar a justiça fiscal no contexto europeu. Como membro da União Europeia, tem um papel a desempenhar para exigir mais equidade nas decisões económicas globais.

Contudo, tributar os super-ricos é apenas o início. Para construir uma economia mais justa, é necessário repensar como a riqueza é criada e distribuída. Precisamos de modelos económicos que incentivem a partilha, promovam cooperativas e empresas sociais, e enfrentem desigualdades de género e etnia. Só assim será possível transformar a acumulação excessiva de riqueza numa ferramenta para beneficiar a sociedade como um todo.

Filipa Pinto Paulo Muacho

SABIAS QUE...

1

Os quase 3 mil bilionários do mundo detêm juntos 14,4 biliões de dólares em riqueza — o equivalente a 13% do PIB mundial

2

No dia a seguir à vitória de Donald Trump, a riqueza dos 10 mais ricos do planeta aumentou 64 mil milhões de dólares

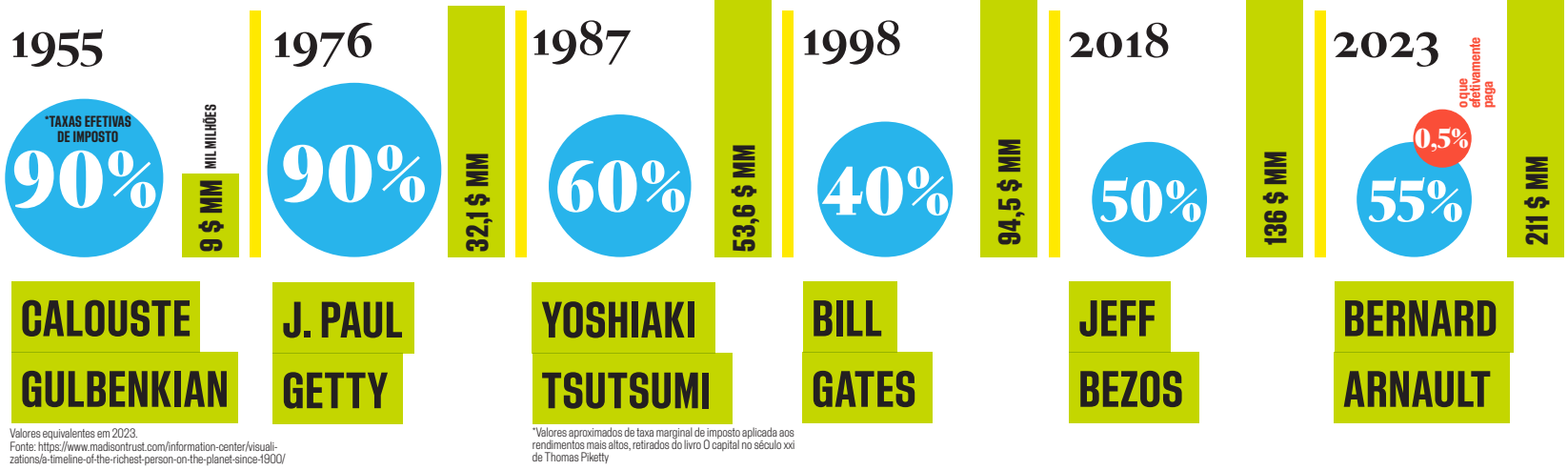
3

Os ultra-ricos pagam muito menos impostos do que a classe média — sobre os rendimentos, menos 20 pontos percentuais

4

Todos os multimilionários com menos de 30 anos herdaram a sua fortuna

EVOLUÇÃO DOS SUPER HIPER MEGA RICOS



Valores equivalentes em 2023.
Fonte: https://www.madisontrust.com/information-center/visualizations/a-timeline-of-the-richest-person-on-the-planet-since-1900/

*Valores aproximados de taxa marginal de imposto aplicada aos rendimentos mais altos, retirados do livro O capital no século xxi de Thomas Piketty

NÚMERO

UM CONTO DE JACINTO LUCAS PIRES

O anúncio é uma beleza: homens atirando-se de arranha-céus. Compro imediatamente. A minha impressão digital no ecrã comunicando com os servidores do lugar que dantes se chamava Islândia, como isso me alegra, não sei porquê. Penso em adiar o prazer, para o aumentar por antecipação, mas não consigo. Puxo os elétrodos e pespego-os pelo meu corpo, nos lugares designados: sexo, cabeça, coração, articulações.
A voz do ecrã pergunta se quero começar. Limito-me a pensar, Sim?, e lá vou eu. Caio de um arranha-céus de 1929 andares. O jogo deve ser da Hackkcah, a Inteligência criada antes do Dia Z para inventar jogos de realidade. Não sei, não interessa, mas é mesmo fixe: voo a cair, sinto um vento impossível, a pressão do ar, a minha boca entupida por uma bola de vazio. Super, hiper, mega.
O meu corpo vai aprendendo a gravidade enquanto caio. Tudo é leve e tudo é grave. Sentado na minha cadeira de 2000 cryptos (valores pré-Z, o equivalente a cinco anos de água para beber na moeda de agora), caio genialmente.
Durante a queda, não penso em nada, e isso é de uma beleza que nem sei.
O meu corpo sofre mesmo como eu imaginei que sofreria, uma dor no limite do prazer. No limite para cá ou para lá?
Não penso em nada, mas há imagens que me atravessam como lanças. Vejo-me a rebentar lá em baixo, no chão literal. A tornar-me poeira que sobe, que se agrega formando estrelas. Vejo essas estrelas num ecrã, impulsos eletrónicos representando valor que viaja entre os lugares antes conhecidos como Nova Iorque, Frankfurt, Pequim, Nova Deli. Vejo-me desfragmentado, difuso, indestrutível. Transformo-me, como é possível?, no meu dinheiro. Que maravilha. É isto, afinal, a imortalidade. Na minha cabeça o meu corpo voa em cima de uma almofada de ar, caindo mais e mais. Imortal! A famosa imortalidade a que nunca ninguém tinha realmente chegado. “Realmente”: este é o melhor jogo de realidade que já joguei ou sofri. Só que, ao pensar isto, ao pensar “jogo”, ao deixar que este pensamentozinho se intrometesse no maravilhoso vazio da minha consciência durante a queda, vejo-me de volta a mim. A cair no chão autêntico do planeta. A não morrer, não sei porquê, só porque a informação que me chega pelos elétrodos nega tal hipótese. A perceber-me como apenas mais 1 no mundo fora deste meu bunker de luxo, no deserto a que dantes chamávamos Terra, onde bandos de desesperados lutam pela sobrevivência a cada hora, minuto, segundo.
Não queres continuar a jogar?, pergunta-me a Inteligência. Ouço a pergunta no peito, como se a máquina pressionasse as palavras contra o meu corpo. E não sinto mais nada. Não consigo sentir nada.

OS SUPER HIPER MEGA RICOS

QUEM SÃO OS MAIS RICOS DO MUNDO E QUANTO CRESCERAM AS SUAS FORTUNAS?

ELON MUSK
O TYCOON QUE QUER DOMINAR AS REDES, O ESPAÇO... E TALVEZ A POLÍTICA

CEO da Tesla e da SpaceX, dono da rede social X (ex-Twitter) e agora nomeado co-presidente do proposto Departamento de Eficiência Governamental (DOGE).

Riqueza em 2020
$24,6 mil milhões
Riqueza em 2024
$195 mil milhões (+692%)
$233 mil milhões (+207%)

JEFF BEZOS
O CEO DO COMÉRCIO ONLINE

Fundador da Amazon e proprietário do jornal The Washington Post.

Riqueza em 2020
$113 mil milhões
Riqueza em 2024
$194 mil milhões (+72%)

BERNARD ARNAULT
O MAGNATA DO LUXO FRANCÊS

Presidente do grupo LVMH (Louis Vuitton, Dior, Moët & Chandon) e dono de meios de comunicação, como Le Parisien e Les Échos.

Riqueza em 2020
$76 mil milhões
Riqueza em 2024
$233 mil milhões (+207%)

MARK ZUCKERBERG
O MAGNATA DO LIVRO AZUL

Criador do Facebook (Meta), que também controla o Instagram e WhatsApp.

Riqueza em 2020
$59 mil milhões
Riqueza em 2024
$141 mil milhões (+139%)

LARRY ELLISON
O GURU DA GESTÃO DE INFORMAÇÃO

Fundador da Oracle, gigantes dos softwares corporativos.

Riqueza em 2020
$59 mil milhões
Riqueza em 2024
$141 mil milhões (+139%)

WARREN BUFFETT
O ORÁCULO DE OMAHA

Presidente da Berkshire Hathaway e conhecido pela sua abordagem conservadora aos investimentos.

Riqueza em 2020
$67,5 mil milhões
Riqueza em 2024
$133 mil milhões (+97%)

Em apenas quatro anos, as fortunas destes bilionários (quase todos norte-americanos) cresceram a um ritmo inacreditável, enquanto o mundo enfrentava crises globais. Este nível de concentração de riqueza é sustentável ou justo? Temos de nos questionar quem realmente beneficia com este sistema — e como podemos garantir que esta ultra-minoria de ultra-ricos contribua de forma mais equitativa para a sociedade.

Fonte: https://www.forbes.com/billionaires/

“UM PAÍS PEQUENO COMO PORTUGAL NÃO TEM CAPACIDADE DE AVANÇAR SOZINHO, MAS ISSO NÃO SIGNIFICA QUE DEVAMOS IGNORAR O DEBATE.”

UMA ENTREVISTA A SUSANA PERALTA

POR JÚLIA TAVARES

A economista Susana Peralta, especialista em Economia Pública e Economia Política e professora de economia na Nova SBE, discute os desafios e oportunidades da tributação dos ultra-ricos em Portugal e no mundo.

O que define um ultra-rico?
Depende. Em princípio, queremos sempre definir esses limiares de riqueza, tal como definimos os limiares de pobreza, ou até mais. E queremos definir de forma relativa, ou seja, tendo em conta a distribuição de rendimentos em uma região: o que é um super-rico naquela região? Esse limiar deve ser relativo — temos de voltar a falar ou dos 10%, 5% ou 1% mais ricos. Queremos definir um super-rico em Portugal (que não se compara com um super-rico no Luxemburgo) ou queremos fazer uma definição a um nível mais global? A definição é relativa, e também depende do objetivo da definição. Se estivermos a falar, por exemplo, da progressividade do IRS em Portugal, faz sentido ver a distribuição do rendimento no país. Se estivermos a falar do desenho de um imposto sobre super-ricos, aplicado com cooperação internacional, obviamente faz sentido olhar para quem é super-rico no contexto internacional.

Existem ultra-ricos em Portugal?
Novamente, depende. Se forem super-ricos ao nível do Elon Musk e do Jeff Bezos, não. Nós não temos esse tipo de fortunas. Agora, se perguntarmos se há desigualdades de rendimento em Portugal que fazem com que certas pessoas vivam com uma desproporção de meios relativamente às pessoas normais do país, claro que existem. Depende de onde queres colocar o limiar. Por outro lado, temos infelizmente uma limitação nas bases de dados para medir e verificar verdadeiramente o que é um ultra-rico — e isto é válido globalmente, não apenas em Portugal. Há esquemas legais e ilegais que permitem às pessoas esconder parte do seu rendimento. E “esconder” não precisa de ser algo maniqueísta, pode simplesmente ser uma decisão legal de investir num offshore. A partir desse momento, esse rendimento deixa de aparecer nas declarações submetidas às autoridades tributárias. Por exemplo, em Portugal, se tiveres um depósito a prazo num banco, os impostos sobre o rendimento do capital são retidos na fonte pela instituição financeira doméstica. Porém, isso é declarado diretamente pela instituição tributária e não aparece de forma cruzada na declaração de IRS. Por isso, nem sabemos muito bem qual é o rendimento real das pessoas, sobretudo dos super-ricos.
Nos dias 18 e 19 de novembro, decorreu a cimeira do G20. Como avalias a proposta do Brasil, um imposto de 2% sobre os super-ricos?
Há aspetos importantes, até teóricos e conceptuais, do ponto de vista do desenho ótimo destas políticas públicas. A chamada teoria do federalismo fiscal diz-nos que um imposto deve ser gerido pelo nível de governo que abarca as possibilidades de mobilidade dessa base tributária (os rendimentos ou as transações sobre as quais incide o imposto). Isto garante que o imposto seja aplicado de forma justa, equitativa e eficiente, diminuindo os custos para as jurisdições. No entanto, a globalização aumentou a mobilidade não apenas do trabalho, mas também dos lucros, o que torna o desenho de políticas fiscais mais complexo. Um imposto sobre super-ricos exige coordenação internacional, algo que ainda não foi estabelecido de forma eficiente. A proposta do Brasil é importante, pois coloca o tema em debate. Contudo, num contexto político e multilateral tão frágil como o atual, com órgãos como a OMC (Organização Mundial do Comércio) enfraquecidos, é difícil ser otimista a curto prazo.

Luís Montenegro diz que nem Portugal nem o G20 estão ainda em condições de decidir taxar super-ricos. O que achas desta posição?
Acho mal. Um país pequeno como Portugal não tem capacidade de avançar sozinho, mas isso não significa que devamos ignorar o debate. Portugal deveria dar sinais de apoio à coordenação internacional e acompanhar estas preocupações para moralizar os sistemas tributários. É importante começar a conversar devagarinho sobre estas questões, mesmo sabendo que o processo será longo.

Há exemplos concretos de países que tenham conseguido implementar com sucesso um imposto sobre ultra-ricos?
Há países que tentaram. Por exemplo, a França implementou um imposto sobre património, mas acabou por ter uma receita limitada devido à mobilidade das bases tributárias. Nos Estados Unidos da América, alguns estados têm impostos sobre heranças, uma forma de tributar a riqueza. Espanha também tem um imposto especial para os 0,5% mais ricos. Contudo, estas iniciativas enfrentam sempre desafios devido à mobilidade dos ativos financeiros e à falta de coordenação internacional.

Se conseguíssemos avançar com a tributação dos ultra-ricos, qual seria o impacto na sociedade?
O impacto seria significativo. Poderia ajudar a redistribuir a carga fiscal, aliviar impostos sobre o trabalho e o consumo, e aumentar a capacidade dos Estados para responder a desafios sociais e ambientais. Além disso, uma máquina de informação global para implementar este tipo de tributação também seria útil para combater o branqueamento de capitais e o financiamento do terrorismo. No entanto, há um longo caminho a percorrer, e é necessário educar a população sobre a importância e os benefícios de sistemas fiscais mais justos.

CARTA AO FUTURO DOS NOSSOS FILHOS

Jorge Pinto Alison Schultz Gabriel Zucman

Queridos filhos,

Foi com alguns dias de diferença que vocês os três recentemente vieram a este mundo, abalando-nos da forma mais positiva. O nascimento é um acontecimento único. É, como diz Hannah Arendt, "o milagre que salva o mundo, o reino dos assuntos humanos, da sua ruína normal e 'natural'". Cada nascimento, sendo um novo começo, é o fio de uma nova vida e da capacidade de ação que lhe está associada. Agimos porque nascemos, não porque sabemos que a morte é intransponível. Hoje, enquanto escrevemos esta carta a pensar no vosso futuro, vocês são apenas pequenos milagres nos nossos braços, novos neste mundo e cheios de tantas promessas. Esperamos que, daqui a alguns anos, leiam estas palavras e sintam o quão profundamente são amados — não apenas por nós, mas pelas pessoas de um mundo que se tornou mais bondoso e mais sábio, escolhendo proteger e nutrir todos os seus filhos, as suas terras e o seu futuro.

Esperamos que o mundo que venham a conhecer seja diferente do nosso. Quando nasceram, o mundo enfrentava enormes desafios. As alterações climáticas já estavam a afetar milhões de pessoas e, no entanto, os esforços para contrariar os seus efeitos avançavam muito lentamente. Vivíamos numa época em que os países, embora protegessem os ultra-ricos, desculpavam-se dizendo que não tinham os recursos necessários para proteger os seus cidadãos e o planeta. Os nossos sistemas de saúde estavam à beira do colapso e o investimento na educação estava limitado pelos orçamentos e não pelo compromisso com o futuro de cada criança. As pessoas ainda trabalhavam muitas horas, estávamos longe das 15 horas semanais que Keynes previu há quase 100 anos numa carta às gerações futuras. O custo de vida estava a empurrar cada vez mais pessoas para dificuldades, e muitos de nós estávamos preocupados com a ascensão de líderes e ideias inclinados a dividir-nos em vez de nos unir.

É difícil para nós explicar como pudemos ter permitido que as coisas ficassem assim, mas grande parte disso teve a ver com a forma como a riqueza foi distribuída. Os poucos mais ricos do planeta detinham mais dinheiro do que nações inteiras e, durante muito tempo, foi como se esta riqueza fosse intocável. Governantes insistiam que "não havia o suficiente" para os hospitais, para as escolas, para um ar mais limpo ou para casas mais seguras. Diziam, encolhendo os ombros: "é assim que as coisas são". E, durante muito tempo, muitas pessoas aceitaram isso. Mas alguns de nós continuam a resistir e a tentar implementar utopias concretas.

Acreditem sempre neste mundo e saibam que cada pessoa, incluindo vocês, tem o poder de o tornar ainda melhor.

Enquanto escrevemos esta carta, a explosão da riqueza extrema e a concentração de poder que a acompanha criaram uma divisão crescente entre os ultra-ricos e o resto da sociedade. Com esta lacuna vem a injustiça. Quando os indivíduos fogem às responsabilidades que todos partilhamos, somos todos nós quem paga o preço. Quando os indivíduos e as empresas mais ricas evitam pagar a sua parte justa de impostos, isso priva as comunidades dos recursos de que necessitam, minando os próprios alicerces de um mundo justo que estamos a trabalhar arduamente para construir.

E é por isso que a longa marcha pela igualdade deve continuar. Tal como aqueles que nos antecederam não desistiram, também nós devemos continuar empenhados na construção de um mundo mais justo. Não é uma tarefa fácil, uma vez que os sistemas fiscais contemporâneos não conseguem tributar eficazmente os indivíduos ultra-ricos, mas estamos esperançosos. Não estamos sozinhos nesta luta, estamos a ganhar força.

Os líderes de todo o mundo estão a começar a reconhecer a urgência de abordar a desigualdade global de riqueza e a perceber que a mudança é necessária e urgente. Com as políticas fiscais corretas, podemos provocar mudanças significativas. Precisamos de reformas fiscais globais para garantir que os mais ricos contribuam com a sua justa parte. Ao introduzir um imposto mínimo sobre os ultra-ricos, podemos abordar a desigualdade, reconstruir a confiança na democracia e angariar os recursos necessários para enfrentar questões globais prementes que irão moldar o vosso mundo.

A busca pela justiça e pela igualdade guia-nos e é a missão que nós os três escolhemos assumir. Por vocês e por todas as crianças do mundo. Ao combater estas injustiças, esperamos poder deixar-vos e às gerações futuras um mundo que seja um pouco mais justo e um pouco mais equitativo.

Esperamos que, ao ler isto, achem estranho pensar num mundo onde as pessoas estavam tão divididas, com tanto medo e tão dispostas a deixar os outros sofrer. Se alguma vez se perguntarem como pudemos permitir que as coisas fossem tão injustas, esperamos que também se lembrem de como o coração das pessoas pode mudar, de como juntos podemos ultrapassar até os maiores obstáculos e que este é o mundo que merecem.

Esperamos profundamente que cresçam num lugar onde todos tenham a hipótese de viver plena e livremente. Acreditem sempre neste mundo e saibam que cada pessoa, incluindo vocês, tem o poder de o tornar ainda melhor.

Com todo o nosso amor,
Jorge, Gabriel e Alison

Jorge Pinto
Engenheiro do ambiente português, deputado do LIVRE e autor de *A Liberdade dos futuros*
Alison Schultz
Economista alemã, pesquisadora do Tax Justice Network
Gabriel Zucman
Economista francês, professor da Universidade da Califórnia e diretor da European Tax Observatory

Lê o Jornal LIVRE N.º1 dezembro 2024
Conselho editorial **Rui Tavares; Beatriz Muylaert; Jorge Pinto**. Redação **Júlia Tavares**. Design **José Albergaria; Pedro Miguel Santos; Leonor Capricho** (adaptação digital). Ilustração de retratos **Diana Oliveira**. Conceito do jogo **André Nóvoa**. Ilustração do jogo **Eduardo Viana**. Tipografia **R-typography**. Realização **Partido LIVRE**.
Todos os direitos reservados *info@partidolivre.pt*

DEMOCRACIA VS OLIGARQUIA

O QUE ESTÁ EM JOGO

SOBRE O JOGO

Rui Tavares

Em 1903, a inventora e ativista Elizabeth Magie criou um jogo para mostrar os riscos do monopolismo e a importância de taxar corretamente a propriedade. O jogo tinha duas opções: "Prosperidade", onde se criava produtos e cooperação, e "Monopólio", onde o objetivo era dominar a propriedade e falir os outros jogadores. A ideia foi roubada e a parte do monopólio foi vendida a uma empresa sem que a autora soubesse.

Mais de 120 anos depois, a situação é ainda mais séria. De um lado, temos pessoas desmesuradamente ricas que pagam menos impostos que o cidadão comum. Do outro, democracias que lutam para sobreviver e salvar o planeta, enfrentando aqueles que podem comprar governos e presidentes.

As nossas vidas não são um jogo, mas às vezes um jogo pode ajudar-nos a entender como a concentração de riqueza nos afeta. Taxar os super-ricos corretamente poderia dar-nos recursos para proteger o planeta, salvar as democracias e oferecer serviços públicos de qualidade para todos.

A pergunta que conta é: de que lado estaremos? Não arrisques as nossas vidas como se fossem um jogo de azar.

REGRAS DO JOGO

Objetivo
O objetivo é dominar o tabuleiro com casas alinhadas à sua facção. O jogo termina quando uma das facções ficar sem recursos, perdendo o jogo para a outra.

Facções
Democratas: Usam Votos Populares como recurso.
Oligarcas: Usam Dinheiro como recurso.

Preparação
Escolhe uma facção: Democratas ou Oligarcas. Deve haver pelo menos um jogador de cada facção num jogo.
Dica: cria os teus próprios peões!
Cada jogador começa com uma quantia inicial de recursos da sua facção. 100 Votos Populares para os Democratas, 100 Dinheiros para os Oligarcas.
Coloca todos os peões no Ponto de Partida no tabuleiro.

Moeda
Democratas: Ganham ou perdem Votos Populares.
Oligarcas: Ganham ou perdem Dinheiro.

Turno de Jogo
1. Rola o Dado: O jogador lança um dado e avança o número de casas indicado.
2. Cair numa Casa: A casa possui dois valores ou indústrias possíveis, um beneficiando os Democratas e o outro beneficiando os Oligarcas (ex.: Energia Renovável vs. Petróleo)

Aquisição de Casas
Se a casa estiver sem dono, o jogador tem a opção de reclamá-la:
Democratas pagam em Votos Populares.
Oligarcas pagam em Dinheiro.
Uma vez comprada, a casa pertence à facção do jogador e é marcada de acordo (com uma papoila vs uma ficha de casino). Na página partidolivre.pt/le/le-nf encontrarás fichas que poderás imprimir e usar.

Interação de Moeda entre Facções
Ao cair numa casa da facção oposta:
O jogador perde metade do valor da casa em Votos/Dinheiro; o jogador da facção oposta que detenha essa casa recebe esse mesmo valor na sua própria moeda.
Ao cair numa casa da mesma facção:
O jogador ganha metade do valor da casa em Votos ou Dinheiro como bónus de facção, reforçando sua influência.

Casas Especiais
Cidades: Se um jogador calhar numa casa de cidade, pode imediatamente reclamá-la para a sua facção, mesmo que esta pertença à facção oposta, sem ser necessário efetuar qualquer pagamento. Se alguma facção controlar todas as cidades, o jogo termina automaticamente e a facção é declarada vencedora.
Prisão: Se um jogador cair na casa de prisão, fica sem lançar o dado no turno seguinte.
Partida: Sempre que um jogador passa pela casa de partida, recupera Votos ou Dinheiros de acordo com a sua facção.

Condições de Vitória
O jogo termina quando os recursos de uma facção chegarem a zero. A outra é declarada vencedora.
Ou quando uma das facções controlar todas as cidades.

LA — O Jornal LIVRE